



A PRÁTICA DOCENTE NO CONTEXTO EDUCACIONAL TERENA EM DIÁLOGO COM PAULO FREIRE

Micael Turi Rondon (PPGECII/UNEMAT) -micaelrondon@hotmail.com

GT 4-EDUCAÇÃO E POVOS INDÍGENAS

RESUMO:

Este artigo apresenta a relação da Pedagogia da Autonomia de Paulo Freire (2002) com a educação escolar indígena, mais especificamente do povo Terena da aldeia *Koxonety Poke'e* e traz uma breve reflexão sobre o tema. A teoria é muito importante para auxiliar os professores indígenas nas suas práticas pedagógicas em sala de aula, uma vez que Paulo Freire proporciona o diálogo para que todos os envolvidos na educação tenham autonomia em suas interações. É importante destacar que a teoria instiga uma prática de extrema relevância para trabalhar com a pesquisa, valorizando o contexto dos aprendizes. A experiência apresentada expõe os valores de se trabalhar com pesquisa, por conta de que os conhecimentos nunca estão prontos e acabados e sempre haverá uma nova descoberta. E nessa busca, os professores e alunos adquirem mais capacidade crítica com objetivo de construir conhecimento mais concreto com a investigação do novo. Com as práticas educacionais na escola indígena, diante da vivência pandêmica e com esses momentos atípicos, a experiência e prática docente de ensino e aprendizado dos alunos são ainda mais desafiadores em buscar o novo, sendo o novo mais novo ainda.

Palavras-chave: Pedagogia da Autonomia. Educação Escolar Terena. Prática Docente.

1 Introdução

Esse trabalho apresenta uma estratégia de prática docente, tendo relação com a visão de Paulo Freire (2002), que valoriza os atores envolvidos nesse processo. Sabemos que a educação nas escolas indígenas atualmente não está fácil por conta de todo o planeta estar mergulhado no mundo tecnológico. E com as comunidades indígenas não é diferente, porque também estão mergulhadas nesses meios tecnológicos por necessidade, principalmente com a chegada da globalização, que tem seu lado positivo, mas também, negativo. Cabe a cada povo estar atento a essa situação e usar esses meios para contribuir para sobrevivência da comunidade em relação à vida e a cultura.

O tema proposto tem a finalidade de aprofundar na teoria de Paulo Freire (2002) e trazer uma sucinta reflexão para contribuir para a prática docente e dar suporte para o crescimento intelectual dos alunos. Sabemos que na comunidade muitas dessas ideias de deste autor são praticadas, mas muitas vezes não estão muito claras nos conhecimentos

dos professores indígenas. É de muita importância sua teoria e precisa ser compreendida pelos professores para que a execução da prática pedagógica possa ser bem sucedida.

Essa proposta tem a ideia de oferecer uma contribuição, no sentido da prática educacional indígena, em diálogo com Paulo Freire (2002), como um dos caminhos de ensino e aprendizagem. Vale salientar que a ideia que apresenta em “Pedagogia da Autonomia” valoriza os aspectos da vida social do indivíduo. O método adotado dentro do contexto educacional tem gigantesca contribuição para a melhoria do ensino e aprendizagem, por razão da valorização de todo o contexto de vida dos envolvidos.

Tendo por referência essa “Pedagogia da Autonomia”, desenvolvemos a prática pedagógica na Escola Estadual Indígena Terena *Komomoye Kovoero*, com alunos do 9º ano do ensino fundamental. A prática teve momentos desafiadores porque a pandemia da Covid-19 a tornou ainda mais complexa e os alunos tiveram que desenvolver pesquisas em sites e livros que tínhamos disponíveis para a execução do trabalho. Por essa razão, neste texto, busco destacar a importância e a relação da “Pedagogia da Autonomia” de Paulo Freire (2002) para desenvolver as práticas educacionais na escola Terena de Mato Grosso, diante da vivência e da experiência docente dos autores no trabalho em questão.

2 Encaminhamento das atividades

Inicialmente, para encaminhar os trabalhos dos alunos e colocar em prática o conceito, conforme a metodologia proposta, dialogamos com os discentes, dando espaço para eles colocar suas ideias, suas intenções, falar das possíveis dificuldades, falar da família, da religião e da comunidade. Sempre de olho no respaldo que a teoria de Paulo Freire contribui tratando e dando uma visão da importância para que os autores do processo sejam protagonistas e tenham autonomia.

A discussão com a turma foi bem sucedida, pois houve uma percepção por parte dos envolvidos a respeito da importância de compartilhar e interagir os conhecimentos, as alegrias e também as tristezas, os momentos ruins e desafiadores durante a ação. Durante as interações, conseguimos extrair e identificar os mais ocultos contextos históricos e geográficos de cada um dos alunos, de forma a deixar claras as vivências dos educandos e os conhecimentos que já possuíam de concreto e internalizados.

Para fazer essa dinâmica, o professor tem que ser capaz de ouvir os educandos, porque “o educador que escuta aprende a difícil lição de transformar o seu discurso, às vezes necessário, ao aluno, em uma fala com ele”. (FREIRE, 2002, p.71).

Nesse percurso, é preciso valorizar os conhecimentos prévios para a troca de experiências, para que juntos, professores e alunos, construam novos conhecimentos. Muitos saberes estão presentes nas sociedades, nas manifestações culturais e no próprio indivíduo, mas é preciso criar possibilidade para a produção desses conhecimentos.

É preciso, sobretudo, e aí já vai um destes saberes indispensáveis, que o formando, desde o princípio mesmo de sua experiência formadora, assumindo-se com sujeito também da produção do saber, se convença definitivamente de que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção. (FREIRE, 2002, p. 12).

O professor, ao valorizar os conhecimentos que os educandos já possuem, também valorizam seus próprios saberes, pois não cai na armadilha de que ensinar é apenas transferir conhecimentos. O discente deixa de ser o aluno passivo que só recebe informações, pois assume uma postura mais ativa, participativa no processo de ensino e aprendizagem, pois “não há docência sem discência”, como nos diz Paulo Freire (2002, p.12).

3 Perfil e prática do professor

Analisando o que apresentado é por Paulo Freire em “Pedagogia da Autonomia” (2002), sobre a postura do professor durante sua prática docente, trazemos alguns argumentos que podem servir de reflexão e contribuir para a vida de professores e também de alunos no processo de ensinar e aprender.

O professor tem que ter ética para poder conduzir todas as ações nos contextos sociais e culturais e sensibilidade para poder criar. Ele precisa ser exemplo como um verdadeiro líder, não usar as palavras somente na fala, é preciso praticar o que fala e vivenciar as palavras que fala de corpo e alma.

É preciso ser ousado com objetivo de sempre buscar o novo, buscar os saberes nos cotidianos sociais, pois muitos desses saberes estão nas práticas culturais, nos afazeres do cotidiano e nas práticas religiosas. “O conhecimento escolar volta-se para pensar as questões mais significativas para os alunos indígenas e sua comunidade, naquele dado momento em que é vinculado” (BRASIL, 1998, p. 62).

Nessa percepção é preciso ter vivência e conhecimento da realidade para dar significado aos conteúdos através da realidade do aprendiz. O professor tem que sair da zona de conforto para perceber que precisa ir mais além do que estão propostos nos livros

didáticos, deixar de depositar os conhecimentos dos livros nos alunos como se fosse uma prática bancária. Nesse sentido, “o necessário é que, subordinado, embora à prática "bancária", o educando mantenha vivo em si o gosto da rebeldia que, aguçando sua curiosidade e estimulando sua capacidade de arriscar-se, de aventurar-se, de certa forma o "imuniza" contra o poder apassivador do "bancarismo" (FREIRE, 2002, p. 13).

O professor precisa provocar a curiosidade do aluno, pois já tem muitos conhecimentos prontos nos livros e na internet, porém não estão prontos e acabados é preciso construir o novo, a partir do pronto e, para isso, a curiosidade é fundamental.

Quero aqui abrir um parêntese e dizer que, além das características apresentadas acima sobre o perfil do professor, ele tem que saber a cultura, a história da origem do povo e a história educacional do povo. Mergulhando mais profundo, o professor indígena tem que conhecer a realidade, conhecimento do próprio povo originário e conhecimentos ocidentais. Com os conhecimentos tradicionais e ocidentais, o professor indígena terá muita possibilidade, espaço e lugar para a interculturalidade nas escolas indígenas conforme a linha de pensamento do Referencial Curricular Nacional para as escolas indígenas.

Os desafios que os povos indígenas enfrentam na atualidade exigem dos professores indígenas uma postura e um trabalho adequado e responsável. Devem estar comprometidos em desenvolver o processo de ensino-aprendizagem não como únicos detentores de conhecimentos, mas como articuladores, facilitadores, intervindo, orientando, problematizando, sem desconsiderar a atitude de curiosidade dos diversos alunos para os novos conhecimentos. A escola indígena deve ser espaço de pesquisa e de produção de conhecimentos e de reflexão crítica por parte de todos os que participam dela. (BRASIL, 1998, p. 43).

Todas as vezes que o planejamento é praticado, temos que avaliar para poder enxergar se realmente está alcançando o objetivo e se está adequado à turma na qual está atuando. É importante que o educador coloque nos planos de ensino e fiquem muito bem claros os valores dos saberes sociais da comunidade e os saberes culturais. É fundamental a valorização do multiculturalismo, da diversidade étnica das sociedades. O educador que adota e acolhe as diferenças, respeita o modo de vida de cada povo/ comunidade e contribui para a autonomia de quem está sendo educado.

É preciso ter segurança, ter competência para ensinar, reconhecer nossas fragilidades, ser generoso, ter consciência de que não sabe tudo e aprender junto com os alunos.

Ensinar exige comprometimento e dedicação para compreender a educação na esfera onde trabalha, para poder intervir e contribuir na vida do aprendiz.

É o meu bom senso que me adverte de exercer a minha autoridade de professor na classe, tomando decisões, orientando atividades, estabelecendo tarefas, cobrando a produção individual e coletiva do grupo não é sinal de autoritarismo de minha parte. É a minha autoridade cumprindo o seu dever. Não resolvemos bem, ainda, entre nós, a tensão que a contradição autoridade-liberdade nos coloca e confundimos quase sempre autoridade com autoritarismo, licença com liberdade. (FREIRE, 2002, p. 36).

O educador tem que ter autoridade e liberdade, sendo esta, fundamental, sabendo que a autoridade não pode ser confundida com autoritarismo. Dar liberdade aos alunos não significa deixar sem compromisso e sim ter bom senso.

4 Compartilhando as pesquisas realizadas

Compartilhando sobre as pesquisas com os alunos, primeiramente, realizou-se uma sondagem e, somente depois, houve conversa com eles, sempre considerando a vivência de cada um na comunidade, conforme Paulo Freire (2002) nos ensina. Nesse percurso, não podemos deixar de lembrar que na prática educacional, o professor precisa planejar criteriosamente cada aula, visando atingir não apenas conhecimento, mas também valores sociais os quais não seria possível atingir sem uma análise e planejamento com todos envolvidos.

Dessa forma, no planejamento foram elaboradas e explicadas com muito detalhe todas as ações, as atividades selecionadas para a pesquisa. A pesquisa foi planejada passo a passo, juntamente com os alunos do 9º ano do ensino fundamental.

A primeira atividade realizada foi sobre a própria história do aluno, desde quando nasceu, até a sua vida atual. Após essa atividade, os alunos foram a campo pesquisar os pais, os irmãos, avós e avôs, tios, tias, lideranças, caciques, professores e profissionais da área da saúde.

Para fazer o registro, usaram celulares para gravar áudio e cadernos de anotações. O registro dos áudios e anotações dos alunos se deu de forma escrita, individual e coletiva, em horário de aula e outros horários, conforme a disponibilidade do aluno. A escola ofertou um caderno de desenho para cada aluno poder registrar a sua própria história de vida. Antes de escrever no caderno de registro, o professor auxiliou na revisão dos textos.

Depois os alunos escreveram os textos com organização própria, alguns desenharam, outros colaram fotos junto com os textos. Cada um organizou a sua história, conforme preferiu.

Nesse primeiro momento, eles começam a ter autonomia e passam a ser protagonistas de sua própria história. Assim “saber que devo respeito à autonomia e à identidade do educando exige de mim uma prática em tudo coerente com este saber” (FREIRE, 2002, p. 35).

Este trabalho envolveu várias pessoas da comunidade, que exercem funções diferentes na aldeia, conhecedor da cultura, cacique da aldeia, cacique de dança, líderes de trabalhos, enfermeiro e outros professores. Essas pessoas dialogaram com as crianças e trocaram experiências, oportunizando aos alunos acesso ao novo, a novos conhecimentos, a partir dessas interações. É uma experiência que mostra que realmente o conhecimento adquirido se deu de forma conjunta com o outro. Os conhecimentos estavam inseridos nos contextos sociais e se tornaram novos para aquelas crianças. É importante salientar que “o novo momento na compreensão da vida social não é exclusivo de uma pessoa. A experiência que possibilita o discurso novo é social” (FREIRE, 2002, p. 50).

O saber adquirido estava na sua própria comunidade, nas vivências dos alunos. Conhecimentos estes que possibilitam dialogar, escrever, desenhar, contar história, usar celular como ferramenta para coisas positivas e identificar-se como cidadão.

A segunda pesquisa foi realizada, utilizando a internet e livros. Uso da internet foi por conta da pandemia causada pelo novo coronavírus (Covid-19). Em março de 2020, devido a pandemia, não foi possível fazer as atividades com a presença dos alunos, pois as orientações eram de que se cumprisse o distanciamento social, e com isso, os alunos tiveram que realizar as atividades escolares em casa.

Com respeito à autonomia dos autores pesquisadores, sem perder a autoridade, surgiu mais um momento de diálogo para reorganizar o planejamento. Muitas situações novas foram sugeridas e produzidas, aqui destacamos mais uma investigação que foi escolhida pela turma.

A proposta foi sugerida para pesquisar sobre uma espécie de escorpião que existe no ambiente da comunidade, o escorpião Vinagre. O escorpião Vinagre é uma espécie muito encontrada na comunidade onde os alunos estão inseridos, e causa muito medo às pessoas. Medo porque as pessoas acreditavam que era um animal venenoso e perigoso,

porém, a partir da pesquisa desenvolvida pelos alunos, as pessoas passaram a não ter tanto medo do escorpião Vinagre de forma exagerada.

Foram pesquisados e estudados todos os aspectos da vivência desse tipo de animal, o ambiente em que vive, horário de locomover, como se alimenta, família a que pertence e nome científico, tamanho do escorpião, cauda ou ferrão.

Com a pesquisa, surgiu a possibilidade de trabalhar com vários componentes curriculares nas atividades que foram desenvolvidas. Os alunos pesquisaram textos que tratavam sobre escorpião, socializavam o assunto nos encontros, fizeram produção de textos e ilustrações, usando o escorpião como personagem. Foram explorados a arte, a pintura, medidas de comprimento, de peso, em diálogo com a teoria e a prática.

O trabalho proporcionou que a turma fizesse um trabalho mais formal, explorando um modelo que foi criado para essa finalidade, um trabalho mais exigente tendo folha de rosto, introdução, desenvolvimento, páginas numeradas, conclusão ou considerações finais, referências e anexo do trabalho. Além disso, cria-se, também, a possibilidade de os alunos usarem computador, conhecendo mais ferramentas para edição do trabalho.

Com base na pesquisa realizada, os alunos descobriram informações reais sobre o animal. É um processo de investigação que contribui para a produção de conhecimentos, aperfeiçoamento da escrita e do processo da própria pesquisa.

É importante perceber que a investigação não foi somente saber sobre o escorpião Vinagre, mas perceber que o escorpião Vinagre foi o objeto para construir o novo, descoberta de novas informações sobre o animal, nova descoberta de escrever, nova descoberta de organizar, nova descoberta de pesquisar e organizar pesquisa, nova descoberta de produzir e novas leituras de textos e novas leituras de mundo.

Muitas possibilidades de produção surgiram a partir do próprio contexto das crianças, pesquisando uma espécie de escorpião que faz parte do ambiente da comunidade. Além de conhecerem a espécie por meio da pesquisa, se adquirem novos conhecimentos que se internalizam na criança, a partir do contexto onde vive.

Os alunos pesquisaram em suas casas e aqueles que não tinham internet foram pesquisar na casa do professor, com horário de chegada e horário de saída. A ida dos alunos à casa do docente ocorreu com permissão dos pais, seguindo o protocolo de segurança da Organização Mundial da Saúde, com uso de máscara e álcool em gel. Para cada horário marcado era permitido somente um aluno.

Aos alunos com condições de acesso à internet, as orientações eram feitas pelo *whatsapp*, com a permissão dos pais ou responsável por motivo de segurança,

responsabilidade e respeito aos envolvidos, pois o trabalho foi, também, de forma coletiva. Houve diálogo com lideranças e permissão do enfermeiro da comunidade, observando-se, é claro, a situação da Covid-19. As atividades eram organizadas e desenvolvidas, de acordo com a situação da pandemia na aldeia. Reunia-se a turma uma vez por semana para discutir e tratar da pesquisa e trabalhar também as leituras. Os momentos foram bem aproveitados, explorando o máximo do tempo para caminhar com os trabalhos. Surgiram momentos em que ficamos duas ou mais semanas sem o encontro, por precaução, pois havia suspeita de contaminação de membros da comunidade. Os encontros eram realizados com muita segurança, seguindo o protocolo da saúde.

Os alunos se esforçaram em concretizar essa atividade e apreendemos juntos com esses trabalhos planejados. O bom senso nesse trabalho foi fundamental, tanto da parte do docente, quanto por parte dos alunos. Houve momentos difíceis para finalizar o trabalho, mas com dedicação e seguindo o planejamento os objetivos propostos foram alcançados. A situação que mais incomodou foi a internet ruim e a falta de energia. Quando chovia, a energia acabava e era reestabelecida depois de dois ou mais dias. Houve muitos aspectos positivos, dentre eles, a alegria de fazer a pesquisa e a curiosidade em conhecer sobre o objeto de estudo. Com alegria e curiosidade, o clima fica mais favorável para um trabalho mais instigante e produtivo. Nesse sentido, Paulo Freire (2002) argumenta que:

A curiosidade como inquietação indagadora, como inclinação ao desvelamento de algo, como pergunta verbalizada ou não, como procura de esclarecimento, como sinal de atenção que sugere e alerta faz parte integrante do fenômeno vital. Não haveria criatividade sem a curiosidade que nos move e que nos põe pacientemente impacientes diante do mundo que não fizemos, acrescentando a ele algo que fazemos. (FREIRE, 2002, p. 18).

A curiosidade surge a partir de um bom clima de relação de liberdade dos alunos, sem perder de vista a autoridade. A curiosidade de cada um fez perceber que a boa relação com eles não inibiu a liberdade da curiosidade em buscar o conhecimento. Ter alegria para fazer algo é fundamental, e muitas situações surgem naturalmente com prazer em fazer e não precisa ser imposta.

Muitas outras pesquisas foram realizadas em relação à cultura, religiosidade, história do povo e outras, mas aqui foram relatadas duas experiências, com base na teoria do professor Paulo Freire, especialmente, do livro “Pedagogia da Autonomia” (2002).

Em todo processo, houve respeito ao modo de aprendizagem de cada aluno, faixa etária, vivência no mundo, para que cada um deles adquirisse autonomia, conforme a realidade de vida social, econômica, cultural, religiosa, emocional e familiar.

Com tudo isso, ganhamos muitas experiências, pois aprendemos a observar nossas posturas como docente na prática de ensinar e apreender.

5 Considerações finais

Este artigo trouxe uma reflexão para professores, focado nas práticas de ensino na escola indígena Terena. A reflexão está fundamentada no livro de Paulo Freire (2002) “Pedagogia da Autonomia” que traz uma grande contribuição para as práticas pedagógicas. Ao dialogar com as ideias e pensamentos deste educador, os docentes começam a refletir mais sobre sua própria postura, ações e suas práticas pedagógicas.

Para finalizar esta breve reflexão sobre o perfil e prática do professor, em diálogo com Paulo Freire (2002), reforçamos que ensinar exige humildade, tolerância, ensinar exige luta na defesa dos direitos dos educandos e educadores, ensinar exige conhecer a realidade, ensinar exige alegria e esperança, ensinar exige convicção de que a mudança é possível, ensinar exige curiosidade e ensinar exige reconhecer que educação está impregnada de interesse dos burgueses. O professor precisa fazer os alunos entender que a educação é uma ferramenta para transformação do cidadão e da sociedade.

6 Referências

BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para as escolas indígenas**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2002.